A economia da cultura

Bruna Schneider Dias

Os mercados de Arte e o Patrimônio

O livro “A economia da cultura” (Ateliê Editorial, 2007, 194 páginas), da economista, professora e pesquisadora Françoise Benhamou, traz em seu terceiro capítulo a idéia dos mercados de arte e o patrimônio.

A primeira questão á ser pensada neste capítulo é sobre como é a formação do valor das obras de arte. Um museu de arte comprou uma tela por 3,9 milhões de francos e quatro anos antes, um colecionador japonês a comprou por 10 milhões de francos. Isso nos mostra que o valor desta obra foi pensando pelo fato da procura por ela. Ou seja, quando ela foi lançada ela era mais cara, pelo fato de que era recente e muitas pessoas queriam comprá-la. Já alguns anos depois, a tela era conhecida e não havia mais tanta procura por ela. Então os vendedores resolveram baixar o preço, pois se continuassem com o mesmo valor, não a venderiam mais, pelo fato de que a procura não é tão grande e não valeria á pena pagar tão caro por uma coisa que não é lançamento.

A formação do valor de uma obra é responsável por um perito que analisa a qualidade delas. O preço das obras varia de acordo com a fama de seu pintor, ou seja, dos prêmios recebidos por ele, da qualidade de suas obras, das suas exposições em galerias e museus, dos preços de vendas anteriores, entre outros fatores. Existe uma lista com cem “melhores artistas contemporâneos”, que foi publicada a partir de 1970 por uma revista alemã, chamada Capital. Um dos motivos para estar entre os cem desta revista é o fato de o artista estar presente em exposições, museus e também em revistas de arte. Com isso, é atribuído um determinado número de pontos e essa relação entre o preço e os pontos que determinam se o artista é ou não caro.

O segundo tema a ser questionado neste capítulo é sobre a rentabilidade das obras de arte. Será que elas são rentáveis? Uma tela que foi lançada em 1960, por um pintor famoso, pode valer muito mais do que uma que foi lançada agora. Muitos compradores preferem obras de artistas mais conhecidos a comprar alguma que foi lançada recentemente, sendo que o pintor não é muito conhecido. Ou seja, quando uma obra de arte é reconhecida por seu pintor ser famoso, mesmo que ela seja muito antiga, ás vezes ela é mais vendida do que uma lançada recentemente. E com isso, também o preço dela pode ser maior, pelo fato de que ela não será mais produzida e pode ser considerada uma relíquia.

Em 2000 na França, houve uma explosão no consumo. A oferta aumentou e os museus se ampliaram. O museu é uma instituição comercial sem fins lucrativos. Ele pode ser uma das instituições culturais mais ricas, em razão das obras que possui, mas também das mais pobres, entre o valor de suas obras e o orçamento com que trabalha. O jeito dos museus ganharem alguma coisa por suas obras é alugando as mesmas. Mas isso pode se contrariar com a missão do museu, que é emprestar gratuitamente. No início do século XIX, os museus eram apenas locais de serviço dos artistas e o público tinha acesso á ele apenas uma vez por semana. Até que essa função foi desaparecendo e agora eles servem para duas coisas fundamentais: conservar e expor.

Em 1997, a parte dos recursos públicos diminuiu e os museus enfrentaram uma crise. Para financiar algumas aquisições, alguns museus tiveram que se desfazer de algumas obras consideradas com menos valor para eles, ou seja, obras que o público não se interessava tanto.

A preocupação com os monumentos era tão grande que os responsáveis pela arte alertaram o povo para que não destruíssem os patrimônios culturais, pois mais adiante esses patrimônios iriam fazer falta para eles. Alguns monumentos com o passar do tempo ficariam como pontos turísticos para o povo, mas eles só poderiam receber visitas de vários grupos de pessoas, pois se fossem visitados por apenas um casal, eles não dariam lucro. Esses monumentos eram enfeitados para chamar a atenção do povo e aumentar a renda dos proprietários.

Para evitar despesas, o estado foi adiando os reparos nos museus. Só depois que os visitantes correram grandes riscos e o teatro Lírico de Barcelona foi destruído por um incêndio, que eles começaram as reformas. O estado prefere reformar para não gastar muito e obter mais lucro, criando coisas que dão condições de gerar renda.